Ι.

Acordo nuclear do Irão e relações comerciais francoamericanas vão marcar encontro entre Emmanuel Macron e Donald Trump. Visita do líder francês vai no segundo dia. É a primeira durante a presidência Trump.

Na Síria, perto de 13 milhões de pessoas precisam de ajuda humanitária. Conferência organizada pela União Europeia e pelas Nações Unidas quer mobilizar apoio para ajudar população daquele país.

E ainda nesta edição: promoção de Martin Selmayr para o cargo de secretário-geral da Comissão Europeia causa mal-estar em Bruxelas. Parlamento Europeu quer reavaliação dos processos de nomeação.

11.

Bem-vindos ao Magazine Europa,

58 anos depois de Charles de Gaulle ter discursado numa sessão conjunta no congresso norte-americano, agora é a vez de Emmanuel Macron.

Acontece amanhã, e encerra a viagem de três dias do líder francês aos Estados Unidos. Esta visita de Macron – a primeira durante a presidência Trump – está focada nas relações comerciais e económicas franco-americanas e na parceria na área da segurança.

O acordo nuclear iraniano, que termina já em Maio, é um dos temas principais do encontro. Trump tem vindo a dizer acordo foi um dos piores negociados. Em Janeiro o presidente norte-americano fez mesmo um ultimato ao Reino Unido, França e Alemanha, dizendo que há ajustes a fazer.

Outro tema que deverá estar na agenda dos dois líderes é a Síria e o futuro de Paris e Washington naquele conflito.

E connosco ao telefone desde Bruxelas está Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa e antigo secretáriogeral adjunto das Nações Unidas.

Victor, vamos começar por olhar para estes líderes. Não estão assim há tanto tempo no poder. Há várias divergências entre Trump e Macron, mas têm pelo menos um ponto em comum: chegaram à presidência não sendo políticos de carreira. Que mais é que une estes dois homens?

Quer Macron quer Donald Trump são políticos que acreditam que têm uma missão histórica em relação aos seus países. Eles querem ficar na história como tendo sido casos únicos políticos que transformaram radicalmente a maneira de fazer política e também que tiveram uma contribuição determinante para o futuro, no caso dos Estados Unidos, e no outro caso da França, mas não só da França: Macron tem ambições europeias e isso tem ficado muito claro ao longo dos últimos anos e nomeadamente ao longo da última semana.

A visita de Macron aos EUA é a primeira visita oficial da presidência de Trump. Que significado político tem este facto, ainda mais acontecendo pouco depois do ataque na Síria? Eu creio que Macron entende perfeitamente que é fundamental para a França ter uma relação privilegiada com os Estados Unidos, sobretudo agora que a Grã-Bretanha sai da União Europeia e que é preciso haver um ponto de entrada dos Estados Unidos na Europa e, em certa medida, um aliado privilegiado dos americanos na Europa e ele quer que a França seja vista como o país de entrada e o país que é o aliado especial. E esta aliança com os Estados Unidos faz parte de uma ambição global que Macron tem no que diz respeito à França. Macron acredita que uma das missões históricas que ele deverá desempenhar é voltar a levar França à arena global.

Victor, Os Estados Unidos têm até 1 de Maio para decidir se continuam a isentar a União Europeia da cobrança de taxas do alumínio e aço. E o que é podemos esperar aqui nesta reunião entre os dois líderes em relação a esta guerra comercial? Para Macron, seria muito importante que ele voltasse de Washington no que diz respeito a essa agenda. Por isso, Macron precisa em certa medida de que Donald Trump tenha uma posição muito positiva em relação às trocas comerciais com a Europa, mas precisa também que Donald Trump tenha uma atitude positiva em relação ao acordo nuclear com o Irão. Para o presidente francês, o relacionamento com o Irão e, nomeadamente a manutenção do acordo nuclear com o Irão são questões fundamentais; são questões que têm a ver não

só com a continuação de um certo equilíbrio no Médio Oriente, com a contenção da política agressiva do Irão, mas também têm que ver com as relações comerciais entre a União Europeia e o Irão, em que o Irão é um cliente importante da União Europeia e em certa medida um fornecedor com algum relevo de petróleo.

E de que ajustamentos é que Trump fala no que diz respeito ao acordo iraniano?

Ele fundamentalmente o que procura é que haja ajustamentos cosméticos ou simbólicos, porque isso permitirá a Donald Trump dizer que ele não aceitou inteiramente o acordo e que a política dele permitiu aperfeiçoar alguns dos aspectos do acordo. E certamente algumas dessas questões terão a ver, por exemplo, com inspecções mais exigentes por parte das Nações Unidas e por parte dos países que fazem parte do acordo no que diz respeito à questão nuclear dentro do Irão e nomeadamente à produção de energia nuclear.

Que outros aspectos é que lhe parecem importante realçar na agenda dos dois presidentes?

Eu penso que Macron quer que os americanos continuem presentes militarmente na Síria, continuem a fazer o treino, nomeadamente das forças curdas. Por isso, essa vai ser certamente uma das questões que Emmanuel Macron vai levantar, é a questão da continuação da presença militar e da formação militar americana na Síria, mas vai também discutir a questão do relacionamento do mundo ocidental com os russos e e em que medida esse relacionamento deve ser transformado de modo a que seja mais construtivo e permita encontrar uma solução política para a Síria.

Já lá vamos à questão síria.

Entretanto, voltamos a Macron. Na semana passada, o presidente francês esteve em Berlim, encontrou-se com Angela Merkel para discutirem as futuras reformas europeias, em particular da Zona Euro. Vamos ouvir Angela Merkel, primeiro e depois Macron durante este encontro.

Angela Merkel, Chanceler da Alemanha

Acordámos tomar importantes decisões até Junho, tempo da cimeira da União Europeia, que se prendem com a renovação

da Europa e com o avançar de respostas às perguntas dos cidadãos europeus.

Emmanuel Macron, Presidente de França

A nível económico e monetário, devemos rearticular melhor responsabilidade e solidariedade. Urge dar no que toca à união económica e monetária, à união bancária, à questão da imigração, respostas comuns.

Além destes compromissos, há diferenças entre Berlim e Paris, nomeadamente o facto do governo alemão não querer um orçamento comum para a Zona euro nem a nomeação de um ministro para a moeda única.

Victor, que propostas de reforma surpreendentes podem surgir na cimeira europeia que vai ser realizada em Junho? Macron acredita muito na reforma e no reforço da União Europeia. Ele esteve no Parlamento Europeu na semana passada, fez um discurso muito bem recebido por uma parte significativa por parte dos deputados europeus. Falou sobre a democracia na Europa e sobre os riscos que existem neste momento contra a democracia, nomeadamente riscos ligados ao nacionalismo extremo e àquilo que ele chama às soberanias autoritárias. Ele pensa também que se deve avançar rapidamente em matéria de segurança interna, de segurança externa e também de defesa. Ele também advoga uma política comum em matéria energética, em matéria também de comércio externo. Emmanuel Macron tem uma série de propostas em cima da mesa. A questão neste momento é, por um lado, conseguir o apoio de Angela Merkel e também conseguir o apoio de outros líderes europeus.

III.

Já voltamos à conversa com Victor Ângelo.

E ainda na questão síria:

Entre hoje e amanhã, a União Europeia e as Nações Unidas vão presidir à conferência: "Apoiar o futuro da Síria e da região". Um dos objectivos é angariar apoio para quem precisa de ajuda humanitária, dentro e fora do país, como nos conta a jornalista Sofia Jesus.

Na Síria, perto de 13 milhões de pessoas precisam de ajuda humanitária e mais de 5 milhões de refugiados estão fora do país.

Consequências do conflito sírio, que entra agora no oitavo ano. A mobilização da ajuda humanitária para estas pessoas dentro e fora do país é uma das principais razões pelas quais a União Europeia e as Nações Unidas organizam entre hoje e amanhã a conferência "Apoiar o futuro da Síria e da região".

De acordo com um comunicado do Conselho Europeu, o evento é também uma forma de tentar chegar aos locais no país onde a ajuda é urgente.

Esta conferência espera ainda "recolher apoio político para o processo de paz liderado pela ONU". É o que se lê no documento.

Este primeiro dia, hoje, 24 de Abril vai ser dedicado ao diálogo com as Organizações não-governamentais da Síria e da região. A União Europeia consultou 108 ONGs activas na Síria, no Líbano, na Turquia e na Jordânia para tentar perceber quais são os principais desafios e ensinamentos retirados do trabalho na região.

Victor, que é que podemos esperar desta conferência?

A conferência tem dois grandes objectivos. Por um lado, mobilizar ajuda humanitária e por outro lado apoiar o papel político das Nações Unidas no que diz respeito à crise síria. Quanto à ajuda humanitária, eu creio que a conferência vai atingir os seus objectivo. Já no que diz respeito ao segundo objectivo, eu creio que vai ser muito difícil avançar nessa área. Nós temos neste momento três processos políticos em curso o processo político baseado em Astana, o processo político baseado em Sochi e também o das Nacões Unidas em Genebra - e nenhum destes processos políticos está a avançar. Antes pelo contrário, qualquer um deles está num grande impasse. E está num grande impasse porque, quer o presidente da Síria quer o presidente russo acreditam que uma vitória militar é possível e que provavelmente a questão da Síria vai ser resolvida pela força das armas e não será necessário ter um processo político.

António Guterres não é da mesma opinião. Aproveitamos para ouvir as declarações mais recentes do secretário-geral da ONU sobre uma solução para a Síria.

António Guterres, secretário-geral da ONU

Não há solução militar para o conflito da Síria. A solução é política e o caminho para a solução é conhecido. É uma resolução do Conselho da Segurança e o seu número é o 2254, com um comunicado em Genebra. E é através de conversações no interior da Síria, entre o Governo sírio e a oposição, para conseguir superar as diferenças que existem.

Depois destes ataques dos Estados Unidos e aliados, o que mudou na Síria?

Eu penso que nada mudou, antes pelo contrário, creio que o poder de Bashar al-Assad se reforçou, creio que ficou bem claro que, neste momento, os europeus e nomeadamente os líderes da França e da Grã-Bretanha aceitam Bashar al-Assad como fazendo parte do futuro, e isto é uma novidade em relação ao passado. Neste momento reconhece-se que ele é um actor fundamental e vai continuar a ser um protagonista determinante no futuro da Síria. A questão é saber se ele estará disposto a negociações políticas depois de ter obtido uma vitória militar.

Entretanto, a Organização para a Proibição das Armas Químicas já esteve entretanto em Douma a recolher amostras. Mesmo que seja um facto a utilização das armas químicas neste ataque, a Europa vai ter essa visão em relação a Bashar al-Assad?

É uma questão de realismo político. Bashar al-Assad com o apoio russo e também com o apoio do Irão está a conseguir recuperar o controlo do país. É evidente que esse controlo se faz à custa de centenas de milhares de vidas e da destruição, digamos assim, do modo de vida de milhões de sírios, mas a verdade é que nós vamos ter na Síria aquilo a que eu chamo a paz dos cemitérios, ou seja, ele vai fazer com que a Síria se estabilize pela força e os países ocidentais terão de reconhecer, digamos assim, que ele continuará a ser o senhor que determina a política e que determina a maneira como a Síria encara o futuro.

IV.

E na actualidade europeia.

O parlamento Europeu deixou fortes críticas à Comissão Europeia pela promoção de Martin Selmayr que passou de chefe de gabinete de Jean-Claude Juncker ao posto estratégico de secretário-geral daquela instituição. Mais com a jornalista Marta Melo.

A forma como Martin Selmayr foi designado em Fevereiro para a função mais elevada da administração da Comissão Europeia foi alvo de várias críticas do Parlamento Europeu.

A promoção surpresa do alemão de 47 anos - quando falta pouco mais de um ano para o fim do mandato de Jean-Claude Juncker - viria a ser tema da sessão plenária do Parlamento Europeu em Estrasburgo, em Março.

Para Selmayr ser promovido de chefe de gabinete do presidente da Comissão Europeia a secretário-geral da instituição, foi preciso preencher três lugares vagos.

A comissão diz que as regras foram cumpridas. Eurodeputados não são da mesma opinião e afirmam que o processo põe em causa a transparência do funcionamento das instituições comunitárias.

Esta semana, a Comissão do Controlo Orçamental do Parlamento Europeu votou a favor de um relatório que contesta a forma como esta promoção aconteceu.

O documento, que também apelava a uma reedição do processo no final do ano, foi aprovado por 22 votos a favor, três contra e quatro abstenções.

Os membros do parlamento rejeitaram, porém, uma emenda apresentada por três eurodeputados que exortavam a Comissão a pedir a Selmayr que renunciasse voluntariamente ao título de secretário-geral até que a reavaliação do processo de nomeação estivesse concluída.

Victor, não vai haver mudanças, Selmayr vai permanecer no lugar. Eu começava por perguntar, o porquê desta escolha? É um homem que tem sido extremamente leal em relação aos políticos que têm sido os seus chefes e Juncker quer premiar, digamos assim, essa lealdade, que é uma lealdade que se manifesta também por uma grande capacidade de trabalho e um grande sentido do projecto europeu.

Esta questão de ele preencher três lugares vagos ate aí chegar, como é que isto se processou?

Isto processou-se de uma maneira absolutamente aberrante e, em certa medida, justificou o título que em Bruxelas se dá a Martin Selmayr, o Rasputin de Jean-Claude Juncker. Grigori Rasputin foi o indivíduo que durante o último czar russo tinha uma influência desmedida junto do czar e que na realidade tomava todas as decisões. Ele era chefe de gabinete, numa reunião do conselho de comissários europeus foi anunciado que o secretário-geral adjunto da Comissão Europeia ia sair e que Jean-Claude Juncker queria que fosse Martin Selmayr e os comissários europeus aprovaram imediatamente essa proposta vinda de Jean-Claude Juncker. No minuto seguinte, Jean-Claude Juncker disse: E já agora queria informar que o secretário-geral titular, que é um holandês chamado (Alexander) Italianer vai para a reforma e como ele vai para a reforma imediatamente, eu queria também propor que o secretário-geral adjunto que nós acabámos de nomear, seja também de imediato promovido a secretário-geral.

Esta é também uma pessoa que pertence à mesma familia política que Jean-Claude Juncker. Sendo este um processo visto pelo Parlamento Europeu como promíscuo, pouco claro e que não respeita as regras, por que razão permanece Selmayr neste cargo?

Era preciso que houvesse uma nova decisão do conselho de comissários da União Europeia a despromovê-lo e isso não vai acontecer, até porque Jean-Claude Juncker controla de uma maneira relativamente autoritária as decisões do conselho de comissários. Isto mostrou, aliás, também uma outra questão, que é uma grande subordinação que há dos diferentes comissários europeus em relação ao presidente da Comissão Europeia. Por isso, não há possibilidade de voltar atrás na decisão, uma decisão que também, como tu mencionaste, tem a ver com alguém que é da mesma família política de Jean-Claude Juncker, ou seja, é mais uma maneira de reforçar o controlo do centro de direita das instituições europeias, mas também uma decisão que coloca mais um alemão em posições de direcção.

V.

Voltamos à conversa com Victor Ângelo para a semana. Antes de terminar, a nossa nota cultural.

A antiga casa-atelier do pintor catalão Miró reabriu no fim-desemana passado.

"Mas Miro" é o nome do novo espaço e é o resultado da primeira de três fases de reabilitação desta casa comprada pela família do pintor em 1911 em Mont roig del Camp, em Tarragona.

Nós ficamos por aqui. Até para a semana.

[ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus + Estamos no Facebook em Magazine Europa.